

Mídia e Educação: o uso das novas tecnologias no espaço escolar

Gilza Maria Leite Dorigoni¹
João Carlos da Silva²

Introdução

As reflexões em torno do assunto mídia e educação vem sendo aprofundadas há várias décadas dado a constatação de sua influência na formação do sujeito contemporâneo e da necessidade em explorar o assunto diante do rápido desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação.

Ao falarmos propriamente sobre mídia, faz-se necessário reportar-se à sua complexidade, ao situá-la como produto que se desenvolveu a partir dos anos de 1940, no contexto da ordem industrial. Nesta época, a concentração econômica e administrativa aliada ao desenvolvimento tecnológico estabelecia semelhança estrutural ao cinema, rádio e revistas.

Tradicionalmente a sociedade atribuiu a instituições escolares à responsabilidade na formação da personalidade do indivíduo tendo em vista a transmissão cultural e do conhecimento acumulado historicamente. A educação para as mídias como perspectivas de um novo campo de saber e de intervenção vem se desenvolvendo desde os anos de 1970 no mundo inteiro com o objetivo de formar usuários ativos, criativos, críticos de todas as tecnologias de informação e comunicação.

¹Licenciada em pedagogia pela UNIOESTE-PR. Pós-graduada em administração e planejamento de sistemas educacionais e de instituições educacionais/UNIPAR. Professora do programa do desenvolvimento educ. PDE/SEED-Pr. E-mail: gilzadorigoni@seed.pr.gov.br

²Doutor em *História, filosofia da educação/UNICAMP*. Professor UNIOESTE, Campus Cascavel. Doutorando em Educação pela Faculdade de Educação UNICAMP. Membro do Grupo de Pesquisa HISTEDBR – História, Sociedade e Educação – GT – Cascavel – PR E-mail: jcsilva05@terra.com.br

No que se refere à área educacional, a mídia esteve sempre presente na educação formal, porém, não raras vezes, sofreu certa resistência, em relação a sua aplicação na escola. Porém, o impacto social causado pela penetração da tecnologia de informação e comunicação (TIC) nos últimos anos, ocasionou intensas transformações nas principais instituições sociais. A família foi invadida pela programação televisiva em seu cotidiano, a Igreja se rendeu ao caráter de espetáculo da TV, a escola que pressionada pelo mercado utiliza a informática com um fim em si, e a essas influências se associa à Internet, com intensa possibilidade de uso.

Mediante esse quadro caberia uma indagação: a escola pública deveria incorporar as tecnologias de informação e comunicação em suas práticas pedagógicas? Porém, torna-se relevante acrescentar que a abordagem aqui discorrida, não trata da negação dos suportes midiáticos, ao contrário, enfoca entre outros contrapontos suas influências e necessidades de inserção no processo pedagógico. Desta forma, a partir do objeto em estudo, pretende-se suscitar discussões sobre o processo ensino/aprendizagem, também no sentido de esclarecer se a falta de direcionamento para a utilização dos meios de comunicação pode influenciar negativamente na aprendizagem da criança e do adolescente. Assim, o que preme é compreender a influência dos meios de comunicação sobre o trabalho escolar a partir das relações entre mídia e educação.

Elementos históricos sobre a mídia

Ao longo do século XX, especialmente entre os anos de 1940 e 1970, o telefone, o cinema, o rádio, as revistas e a televisão constituíam-se em um sistema, que o desenvolver-se, transformou-se em aparato de última geração ao integrar outros avanços tecnológicos mais recentes como telefones celulares, TV interativa e a Internet. Tais

aparatos foram sendo produzidos e vinculados com a totalidade, estabelecendo uma íntima relação com os objetivos da industrialização.

O avanço tecnológico se colocou presentes em todos os setores da vida social, e na educação não poderia ser diferente, pois o impacto desse avanço se efetiva como processo social atingindo todas as instituições, invadindo a vida do homem no interior de sua casa, na rua onde mora, nas salas de aulas com os alunos, etc. Desta forma, os aparelhos tecnológicos dirigem suas atividades e condicionam seu pensar, seu agir, seu sentir, seu raciocínio e sua relação com as pessoas.

Diante dessa realidade, delineiam os desafios da escola sobre esse tema na tentativa de responder como ela poderá contribuir para que crianças e jovens se tornem usuários criativos e críticos dessas ferramentas, evitando que se tornem meros consumidores compulsivos de representações novas de velhos clichês (BELLONI, 2005, p.8). Contanto que essa atuação ocorresse no sentido de amenizar ou até mesmo eliminar as desigualdades sociais que o acesso desigual a essas máquinas estão gerando, tal fato poderia se tornar um dos principais objetivos da educação.

No tocante ao ensino, uma das formas a se contemplar, dentre muitas sugeridas para a educação para as mídias, seria estudar, aprender e ensinar a história, a criação, a utilização e a avaliação das mídias como artes plásticas e técnicas, analisando como estão situados na sociedade, seu impacto social, suas implicações, a participação e a modificação do modo de percepção que elas condicionam o papel do trabalho criador e o acesso às mídias.

Para aplicação dessa forma de ensino/aprendizagem abordando a mídia, é necessário evitar o deslumbramento, assumir a criticidade, abandonar práticas meramente instrumentais, excluir a visão apocalíptica que favorece o conformismo e não a reflexão.

Desde a década de 1950, teóricos chamam a atenção para a caracterização da sociedade pela tecnificação crescente nos mais variados setores sociais. Já havia preocupações no sentido de que os meios de comunicação constituíam uma escola paralela onde as crianças e os adultos estariam encantados e atraídos em conhecer conteúdos diferentes da escola convencional. Desta forma foram sendo analisados os efeitos do impacto da tecnologia na sociedade e na educação. A partir desses impactos, alguns autores como Friedmann e Pocher (1977) apontam que as tecnologias são mais do que meras ferramentas a serviço do ser humano, elas modificam o próprio ser, interferindo no modo de perceber o mundo, de se expressar sobre ele e de transformá-lo, podendo também levá-lo em direções não exploradas encaminhando a humanidade para rumos perigosos.

Adorno e Horkheimer teorizam sobre os meios de comunicação ao considerarem que esses passam a ser apenas negócios com fins comerciais programados para a exploração de bens considerados culturais, denominando-os “Indústria Cultural”. O termo “indústria cultural” foi explicado como mais propício que o termo “cultura de massa”, disseminado pelos donos dos veículos de comunicação, ao justificarem que a cultura surge de forma espontânea, brota das massas, do povo.

Segundo Adorno (1999, p.8), a indústria cultural ao aspirar à integração vertical de seus consumidores, não apenas adapta seus produtos ao consumo das massas, mas, em larga medida, determina o próprio consumo. Sendo assim, o interesse da indústria cultural nos homens é mantê-los como consumidores ou empregados reduzindo sua humanidade, confirmando desta forma seu papel de portadora da ideologia dominante. Desta maneira, sendo aliada da ideologia capitalista, falsifica as relações entre os homens e do homem com a natureza, contribuindo para o que Adorno trata como *antiiluminismo*,

contrário ao Iluminismo que objetivava a liberdade, o abandono do medo e a exclusão do mundo da magia e dos mitos.

Com o iluminismo esperava-se a instauração da soberania do homem sobre a técnica e a ciência, mas o progresso da dominação técnica tornou-se o novo engano, vitimando o homem mesmo depois de ter sido liberto do medo mágico que o acompanhava. Sabemos que o poder da técnica pelo homem não o levou a libertação do medo, somente transferiu sua ansiedade e apreensão do mágico, do mítico, para o medo do novo, do avanço desenfreado da ciência e dos efeitos em sua vida, perpetuando sua insatisfação no sentido humanitário.

Bacon (1979) difundia idéias que divergiam das diretrizes do Iluminismo, ele desprezava os adeptos da tradição, da credulidade, a omissão da dúvida, o receio de contradizer e a tendência de se satisfazer com conhecimentos parciais. Para Bacon, poder e conhecimento são sinônimos. O que importa não é aquela satisfação que os homens chamam de verdade, mas sim, o proceder eficaz, no desempenho e no trabalho, nas descobertas dos fatos particulares anteriormente desconhecidos que possam equipar melhor a vida.

No mundo do iluminismo, a mitologia foi sucumbida, mas a dominação se apresenta sob forma de alienação do homem com respeito aos objetos dominados e com o enfeitiçamento dos homens em seus relacionamentos sociais e do homem consigo mesmo. Antes, os fetiches estavam sob a lei da igualdade. Agora, a própria igualdade se converte em fetiche (ADORNO, 1999, p.33).

Assim, o homem é condicionado ao sentido econômico que dá as mercadorias valores que interferem e decidem a sua existência, estabelecendo o caráter de fetiche sobre a vida em sociedade. Desta forma são inculcados no indivíduo normas e comportamentos considerados únicos, decentes e racionais pela cultura de massa ou indústria cultural.

Portanto, é o princípio do si mesmo que evidencia o trabalho social do indivíduo na sociedade burguesa que restitui a uns o capital acrescido, a outros a força para o mais trabalho. Assim, o indivíduo vai se moldando cada vez mais ao processo de autoconservação decorrente da divisão burguesa do trabalho, concomitante com o envolvimento ao aparato técnico. Sobre essa questão, vale reportar às reflexões de Paolo Nosella (2006), embasado nos métodos de Marx que salienta que o trabalho burguês é historicamente determinado sendo interação dos homens entre si e com a natureza, assim, o trabalho que deveria ser a manifestação de si tornou-se perda de si. Assim, faz-se necessário que se inverta esse processo recuperando o trabalho com o sentido de libertação plena do homem.

O processo de dominação imbuído na história em seu aspecto cíclico, perpassa por um retrocesso antropológico em suas etapas primitivas, condicionando os instintos por uma opressão maior. A força que perfaz a dominação sobre os sentidos proporciona a uniformização da função intelectual, a resignação do pensar à produção da humanidade, desencadeia um processo de empobrecimento do pensar e da experiência. Desta forma, quanto mais o aparato social econômico e científico for refinado e complexo a serviço do qual o corpo fora destinado pelo sistema de produção, ocorre o empobrecimento das vivências que esse corpo é capaz.

Portanto, esse regredir das massas hoje pode ser traduzido sob o olhar do novo, é a ciência elaborada em alta tecnologia ou tecnologia de ponta, que incapacita o homem de ouvir o que nunca foi ouvido, de palpar com as próprias mãos o que nunca foi tocado; uma nova forma de opressão, que supera a opressão mítica já vencida. No transcorrer do caminho que vai da mitologia à logística, o pensar perdeu o elemento da reflexão sobre si e hoje a maquinaria estropeia os homens mesmo quando os alimenta (Adorno & Horkheimer, 1999, p.56).

A rapidez da disseminação da Internet pelo mundo, em relação a outras mídias. Enquanto o rádio levou 38 anos para atingir um público de 50 milhões nos Estados Unidos, o computador levou 16 anos, a televisão, 13 anos e a Internet levou apenas quatro anos para alcançar a marca de 50 milhões de Internautas.

Mediante o que foi exposto, reflexões a cerca do assunto devem ser implementadas, contudo, o potencial educacional que as TIC oferecem não pode ser negado, mas precisa ser integrado efetivamente na escola, principalmente na rede pública de escolarização, já que pode servir como mais uma possibilidade para a construção da cidadania plena. Para tanto, faz-se necessário estabelecer como propósito a utilização da produção multimídia de forma a desenvolver o potencial crítico sem negar o papel de consumidores que somos, mas sob forma consciente, salientar a nossa função de emissores e receptores do saber e da informação.

Mídia e escola

Para efetivar a aplicação das tecnologias de informação e comunicação na escola, após a constatação de sua importância e necessidade, é preciso criar conhecimentos e mecanismos que possibilitem sua integração à educação evitando o deslumbramento ou o uso indiscriminado da tecnologia por si e em si. Portanto, é imprescindível enfatizar o cunho pedagógico em detrimento das virtualidades técnicas, fugindo do discurso ideológico procedente da indústria cultural.

Entretanto, a perspectiva que se abre no campo educacional, indo do livro e do quadro de giz à sala de aula informatizada ou on-line, leva o professor a uma perplexidade, despertando insegurança frente aos desafios que representa a incorporação dos TIC ao cotidiano escolar. Talvez sejamos ainda os mesmos educadores, mas certamente, nossos alunos já não são os mesmos, “estão em outra” (BABIN, 1989).

Neste cenário de constante e acelerado processo tecnológico que desde os anos 80 tomou novas proporções com equipamentos projetados para armazenar, processar e transmitir informações de forma mais rápida e cada vez mais acessível em termo de custos, vislumbrando uma maior possibilidade de utilização para todos, presencia-se questões sobre a informatização e o acesso à *Internet* permeando ainda as discussões dos que acreditam em uma sociedade mais justa e igualitária, necessitando abordar aspectos sobre as condições sociais, políticas e econômicas da vida e do trabalho, entrelaçados com as condições culturais.

Contudo, escolas públicas vêm sendo equipadas com computadores conectados à *Internet* através de Programas do governo federal e estadual. Porém, somente esse fato garantiria a melhoria de qualidade no processo de ensino/aprendizagem? Pedroso (2002) afirma que enquanto não forem criadas possibilidades através de substancial mudança na estrutura do ensino continuaremos na situação de dependência e servidão. No entanto, o computador e sua capacidade técnica podem sob forma contraditória, ser usado no sentido da democratização, humanização, transformando as desigualdades existentes na sociedade.

Mas a utilização da informática é vista como reacionária e conservadora tendo em vista o desemprego tecnológico e o descomprometimento dos educadores com a democracia. Em razão da péssima remuneração dos professores, duvidosas formações, da baixa qualidade de ensino no ensino fundamental e médio e a semi-alfabetização dos alunos, incluindo em países considerados 1º do mundo, levam a crer que esse fenômeno de descomprometimento coma educação seja um fenômeno mundial.

Enfatizando a importância dos meios de comunicação e das tecnologias de informação que se concretiza fortemente em todos os âmbitos da vida social, trazendo conseqüências para os processos

culturais, comunicacionais e educacionais, vale lembrar que uma das instituições que demonstra grande dificuldade em absorver as transformações nos modos de aprender em decorrência do avanço tecnológico atual é a escola, que devido à rapidez desses avanços e ter intrínseco em seu bojo dependências com instituições maiores, não assimilou outras formas tecnológicas comunicacionais e já se depara com a informatização, suas linguagens multimídias e suas potencialidades interativas.

A sociedade contemporânea sob a forma de produção industrial tem sua base na racionalidade instrumental regida por regras técnicas operacionais em que tudo é planejado, medido, racionalizado. Assim organizada essa sociedade tomou proporção tal que atingiu todos os setores da vida do indivíduo, se adentrando no espaço e no tempo livre do trabalhador, atingindo-o até mesmo em sua consciência sujeita às regras provenientes das exigências técnicas da produção industrial.

Com suas regras clássicas e científicas, o Capitalismo estabelece em seu discurso tecnocrático uma ideologia que insistentemente tenta legitimar uma falsa consciência do mundo. Essa ideologia dominante influencia comportamentos humanos, acabando por legitimá-la.

Assim, já no século XIX, pensadores como Durkheim e Marx convergiam suas constatações de que o homem e sua consciência são produtos da sociedade. Por ser o homem um ser social é fruto de sua sociedade, é o resultado desta sociedade. Desta forma, o homem é considerado criador e criatura, pois ao longo de sua evolução, foi criando e adaptando instrumentos para facilitar suas relações com os homens e com a natureza, desenvolvendo seus sentidos, sua ação e aquilo que é específico do homem, a capacidade de criar.

Impregnados pela ideologia do poder, tanto a família quanto a escola e outras instituições sociais, influenciam para a conformação e adaptação às normas dominantes, ao mesmo tempo em

que transmitem aos homens os conhecimentos técnicos acumulados pelas gerações antecessoras, desenvolvendo habilidades para adaptação ao sistema social econômico. Dessa maneira, essas características vão modelando o processo de socialização, a formação de novas gerações e a transmissão cultural. Neste contexto, a formação da personalidade do indivíduo passa a ser tarefa de instituições e de especialistas como: psicólogos, orientadores educacionais, médicos, assistentes sociais. E a escola divide com a mídia a responsabilidade na socialização dos jovens e crianças.

Portanto, o controle social é exercido sob múltiplas formas e através de instituições entre as quais a escola e a mídia. A escola perpetua assim sua função como Aparelho Ideológico do Estado, dividindo agora esse intento com a mídia que assume a liderança sobre essa função. Nesse cenário atual, escola é vista apenas como mais uma entre as muitas agências especializadas na produção e disseminação da cultura. No processo geral de transmissão da cultura e no processo de socialização das novas gerações, a escola vem perdendo terreno e prestígio em concorrência com as diferentes mídias.

Enquanto o mundo se apresenta cada vez mais aberto e com máquinas que lidam com o saber e com o imaginário, a escola ainda se estrutura em tempos e espaços pré-determinados, fechada ignorando as inovações. Em decorrência da velocidade dos avanços tecnológicos e sua interferência no trabalho e na vida de todos, a escola se encontra em crise. A escola que tem como ideal preparar as pessoas para vida, para cidadania e para o trabalho, deve-se então questionar, sobre qual contexto social se reportar já que este está em permanente modificação.

Desta forma a escola e todo sistema educacional tende a funcionar com outros tempos e em múltiplos espaços diferenciados, com a presença de todos os novos elementos tecnológicos da informação e comunicação. Assim, sobre a resistência e a não

completude em relação às tecnologias na educação, Pretto e Pinto (2006), consideram como sendo uma das características peculiares do momento contemporâneo. Segundo os autores, é a busca pela estabilidade e do equilíbrio, tendo a instabilidade como elemento fundante.

Diferentemente de tempos não muito distantes, hoje os educandos dispõem de muitos meios de informação. O aluno hoje tem acesso muito mais rápido e fácil às informações do que nós e nossos pais. Para estabelecer um parâmetro de análise, basta lembrar que a televisão brasileira começou no ano de 1950, mais precisamente em 18 de setembro. Foi nesse dia histórico que a TV Tupi fez sua primeira transmissão. Os computadores são mais recentes. Foi em julho de 1980 que a IBM lançou o primeiro PC (abreviação em inglês de computador pessoal). A *Internet* já existia desde a década de 1970 para fins militares, migrando a seguir para grandes universidades. No entanto, foi entre 1989 e 1991 que o inglês Tim Berners-Lee inventou a *World Wide Web* (WWW) e popularizou a rede. (BUSSACARINI, 2005).

Torna-se evidente e compreensivo através desse paralelo o sentido de resistência gerado pela instabilidade que acelerado processo tecnológico ocasiona no meio educacional.

Desta maneira, os meios de comunicação de massa, e em especial a televisão, que penetra nos mais recônditos cantos da geografia, oferecem de modo atrativo e ao alcance da maioria dos cidadãos uma abundante bagagem de informações nos mais variados âmbitos da realidade. Os fragmentos aparentemente sem conexão e assépticos de informação variada, que a criança recebe por meio dos poderosos e atrativos meios de comunicação, vão criando, de modo sutil e imperceptível para ela, incipientes, mas arraigadas concepções ideológicas, que utiliza para explicar e interpretar a realidade cotidiana e para tomar decisões quanto a seu modo de intervir e reagir (SACRISTÁN; GÓMEZ, 1996, p.25).

Nesse sentido, é que se torna imprescindível a utilização destes meios na escola, para oportunizar uma reflexão das ideologias que servem a cultura dominante, sendo que as relações sociais, bem como os meios de comunicação que transmitem informações, estão a serviço desta cultura . Segundo Kalinke:

Os avanços tecnológicos estão sendo utilizados praticamente por todos os ramos do conhecimento. As descobertas são extremamente rápidas e estão a nossa disposição com uma velocidade nunca antes imaginada. A Internet, os canais de televisão a cabo e aberta, os recursos de multimídia estão presentes e disponíveis na sociedade. Estamos sempre a um passo de qualquer novidade. Em contrapartida, a realidade mundial faz com que nossos alunos estejam cada vez mais informados, atualizados, e participantes deste mundo globalizado (1999, p.15).

Entretanto, no limiar deste século, as grandes maiorias dos profissionais da educação ainda não se vêm preparados para o enfrentamento de metodologias que utilizem esses recursos tecnológicos. Desta forma, muitas explicações têm sido dadas para justificar esta resistência, no entanto, tornam-se premente que o professor propicie aos alunos elementos de emancipação com a utilização destes aparatos como ferramentas pedagógicas.

A dificuldade escolar está hoje entre os problemas mais estudados e discutidos do sistema educacional. Porém, às vezes, a busca pelo culpado do fracasso se torna mais relevante do que a causa do mesmo. Sob a ótica da Psicopedagogia o ser humano é cognitivo, afetivo e social e sua autonomia é estabelecida à medida que se compromete com o seu social em redes relacionais. Segundo Bossa (1994), a Psicopedagogia, inicialmente teve como pressuposto, que as pessoas que não aprendiam tinham um distúrbio qualquer.

Hoje, o que se propõe é investigar e entender a aprendizagem com base no diálogo entre várias disciplinas. Os profissionais que

atendiam essas pessoas eram os médicos, em primeira instância, e em segunda instância, psicólogos e pedagogos que pudessem diagnosticar os déficits. Os fatores orgânicos eram responsabilizados pelas dificuldades de aprendizagem, na chamada época “patologizante”. A criança ficava rotulada, e a escola e o sistema a que ela pertencia se eximiam de suas responsabilidades, jogando o foco do problema na criança. Concebendo esse rótulo à criança, passa-se a não perceber em quais circunstâncias ela apresenta tais dificuldades.

A sociedade do êxito educa e domestica. Seus valores e mitos relativos à aprendizagem muitas vezes levam muitos ao fracasso. Segundo Fernandes (2001), em nosso sistema educacional, o conhecimento é considerado conteúdo, uma informação a ser transmitida. As atividades visam à assimilação da realidade, e não possibilitam o processo de autoria do pensamento.

Alicia Fernádes define como “autoria”, o processo e o ato de produção de sentidos e de reconhecimento de si mesmo como protagonista ou participante de tal produção. O caráter informativo da educação também se apresenta na utilização do livro didático, quando o aluno é levado a memorizar conteúdos e não a pensá-los. Assim afirma Fernádes: “É preciso distinguir aquilo que é próprio da criança, em termos de dificuldades, daquilo que ela reflete em termos do sistema em que se insere” (FERNANDES, 2001, p.91).

Assim, considerando as variedades de fatores que interferem no processo ensino-aprendizagem, e que esta ocorre num vínculo entre subjetividades, propõe-se compreender tais fatores na tentativa de amenizar os problemas enfatizando a utilização dos meios tecnológicos como mais uma possibilidade de suporte metodológico.

O uso pedagógico da *Internet*

A origem da *Internet* se deu a partir de 1969 com a Guerra Fria quando os Estados Unidos solicitou a *Advanced Research Projects*

Agency (ARPA) uma rede de computadores que pudessem ter seu funcionamento mesmo com a quebra de conexão. Surgiu então a rede das redes.

Desde 1980, os computadores pessoais e o desenvolvimento de técnicas computacionais como os jogos simulados fazem surgir o computador como extensão das capacidades cognitivas humanas que ativam o pensar, o criar e o memorizar. Segundo Pretto e Costa Pinto, essas máquinas não estão mais apenas a serviço do homem, mas interagindo com ele, formando um conjunto pleno de significado. A partir de 1995, a Internet se expandiu com um grandioso poder de expressão a nível individual e coletivo ampliando em larga escala o número de usuários.

A Internet é um meio que poderá conduzir-nos a uma crescente homogeneização da cultura de forma geral e é, ainda, um canal de construção do conhecimento a partir da transformação das informações pelos alunos e professores. As redes eletrônicas estão estabelecendo novas formas de comunicação e de interação onde a troca de idéias grupais, essencialmente interativas, não leva em consideração as distâncias físicas e temporais. A vantagem é que as redes trabalham com grande volume de armazenamento de dados e transportam grandes quantidades de informação em qualquer tempo e espaço e em diferentes formatos.

Os professores estão sendo convocados para entrar neste novo processo de ensino e aprendizagem, nesta nova cultura educacional, onde os meios eletrônicos de comunicação são a base para o compartilhamento de idéias e ideais em projetos colaborativos. A utilização pedagógica da Internet é um desafio que os professores e as escolas estarão enfrentando neste século, que pode apresentar uma concepção socializadora da informação.

A Internet tem cada vez mais atingido o sistema educacional e as escolas. As redes são utilizadas no processo pedagógico para

romper as paredes da escola, bem como para que aluno e professor possam conhecer o mundo, novas realidades, culturas diferentes, desenvolvendo a aprendizagem através do intercâmbio e aprendizado colaborativo.

Com o rápido crescimento do processo de globalização, vários problemas estão afetando muitos países ao mesmo tempo. Questões como inflação, meio-ambiente, têm preocupado diferentes autoridades em todo o mundo. E também, com o assustador crescimento do conhecimento, torna-se impossível para o aluno e o professor dominarem tudo. Assim, o trabalho em equipe e a Internet oferecem uma das mais excitantes e efetivas formas para capacitar os estudantes ao processo colaborativo e cooperativo e, ainda, desenvolver a habilidade de comunicação.

Aprendizagem colaborativa é muito mais significativa quando os estudantes podem trabalhar com alunos de outras culturas, podendo entender e perceber novas e diferentes visões de mundo, ampliando, assim, seu conhecimento. Os estudantes trabalhando como colaboradores em projetos dentro ou fora das escolas podem medir coletar, avaliar, escrever, ler, publicar, simular, comparar, debater, examinar, investigar, organizar, dividir ou relatar os dados de forma cooperativa com outros estudantes. Porém, é importante lembrar que os professores devem trabalhar com metas comuns e que a colaboração em sala de aula é o primeiro passo em direção à cooperação global.

Considerações finais

Diante das reflexões que permeiam o assunto caracterizado, evidencia-se a urgência em se efetivar a implementação das novas tecnologias no bojo da escola pública incorporando-as aos recursos metodológicos que propiciam a aprendizagem.

Com esse fim, busca-se assegurar que a escola se remeta a sua necessária função no mundo do capitalismo que é garantir a

apreensão da totalidade de pensamento através do domínio teórico, utilizando-se dos aparatos tecnológicos como ferramentas de emancipação, proposta pelo surgimento da mídia no século XVIII, mas que no século XX tornou-se um meio de dominação e controle social.

Considerando a importância do fenômeno comunicacional na sociedade mundial e o acelerado processo tecnológico que abrange os mais variados setores da convivência humana, o que se propõe é uma escola contextualizada, que se situe na dinâmica dos novos processos de ensino e aprendizagem colaborativa, com o uso da *Internet* como mecanismo de desenvolvimento, de criticidade, de colaboração mútua que transforma as informações em conhecimentos sistematizados.

Para que esse intento se concretize, os educadores precisam coordenar este processo, incorporando as mídias aos encaminhamentos pedagógicos deixando de defender-se da inovação.

Com o intuito de colocar o homem no centro da história, analisando o impacto que as novas tecnologias vêm causando na sociedade, e a evidência que a mídia é imprescindível aos rumos educacionais oferecendo valiosas perspectivas para atingir o conhecimento satisfatório, insere esse estudo como pretensa contribuição ao desenvolvimento da educação.

Para refletir:

1. O que entendemos por mídia e educação e indústria cultural?
2. Qual é a importância que nós professores atribuímos ao uso do computador na escola?
3. Qual a relação que podemos estabelecer entre indústria cultural e escola?
4. Que influência que a mídia exerce no meio educacional?

5. Qual a sua opinião sobre o acesso indiscriminado a Internet por crianças e adolescentes sem encaminhamento ou acompanhamento de pais e (ou) professores?
6. Qual o seu ponto de vista sobre a inserção da Internet nos encaminhamentos pedagógicos?
7. Quais fatores você considera importante para a incorporação da mídia e suas tecnologias na realização do trabalho didático?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Adorno: vida e obra**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda., 1999.

ALVES, Gilberto Luiz. **A produção da escola pública contemporânea**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

BACON, Francis. **Novum organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza**. 2.ed. São Paulo: Victor Civita, 1979.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é Mídia-Educação**. 2.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. (Coleção polêmica do nosso tempo, 78).

FERNANDEZ, Alicia. **Os idiomas do aprender**: análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERRETTI, Celso João (org). **Novas tecnologias, trabalhos e educação**. Petrópolis: RJ, Vozes, 1994.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Artigo: **Fundamentos Científicos e técnicos da relação trabalho e educação no Brasil de hoje**.

GARCIA, Paulo Sérgio. **A Internet como nova mídia na educação.** Disponível em: <<http://www.geocities.com/Athens/Delphi/2361/intmid.htm>>. Acesso em: 21 dez.2007.

KALINKE, Marco Aurélio. **Para não ser um professor do século passado.** Curitiba: Gráfica Expoente, 1999.

LEITE, Márcia. A Influência da Mídia Educação. **Revista Mídia e Educação.** Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/educacao/artigos>>. Acesso em: 15 dez./2000

NOSELLA, Paolo. Trabalho e Perspectivas de Formação dos Trabalhadores: para além de uma formação politécnica. Disponível em: <http://PDE.pr.gov.br>. Acesso em: 20 nov./2007

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar:** histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PEDROSO, Leda Aparecida; BERTONI, Lucia Mara. **Indústria Cultural e Educação:** reflexões críticas. Araraquara: JM, 2002.

PRETTO, Nelson. PINTO, Cláudio da Costa. Tecnologias e Novas educações. **Revista Brasileira de Educação**, v.11, n. 31, jan/abr. 2006.

PUCCI, Bruno; MEDEIROS, Fabiana S.F. **Indústria Cultural e Educação.** In BERTONI, Luci Mara: Vaidergorn, José. Indústria Cultural e educação (ensaios, pesquisas, formação). 1º ed, Araquara: JM, 2003

PUCCI, Bruno (org). **Teoria Crítica e Educação:** a questão da formação Cultural na Escola de Frankfurt. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: EDUFISCAR, 1994, 2ª edição
SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A.I. Pérez. **Compreender e transformar o Ensino.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

TOSCHI, Mirza Seabra; RODRIGUES, Maria Emília de Castro. Infovias e Educação. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, nº 2, jul/dez. 2003.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e Aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 2006.